



REDACÇÃO PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 38-A, 2.º
Lisboa — PORTUGAL
Endereço telegráfico: Talha — Lisboa — Telefone 7
Officinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

BATA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

O mês de agitação

Se nós dissermos aos leitores que o mês de Outubro próximo será um verdadeiro mês de agitação, certamente não os enganaremos. Mas é absolutamente desnecessária tal declaração, que, afinal, podia ser feita pelos próprios actores.

Julgou o sr. António Granjo que assombraria as multidões, dizendo que um mês de grande agitação se avizinhava. O sr. Granjo deu novidade alguma. Apenas uma revelação sensacional o sr. Granjo fez quando disse no *Século* de anteontem que a C. G. T. portuguesa recebera ordens da Terceira Internacional de Moscova para provocar essa agitação. A grande novidade do dia; foi novidade para o público e para a própria C. G. T.

Poderia este organismo pedir ao sr. Granjo provos do que avançava, mas não o fará. Descance, pois, que nós não desejamos vê-lo seriamente embaraçado, nem fazê-lo passar por figuras tristes.

O mês revolucionário é provável que venha, não provocado pela C. G. T. que interesse algum tem em ver o povo convulsionado, por simples caprichos; não provocado pela Terceira Internacional de Moscova, com a qual relação alguma mantemos; o mês revolucionário há-de vir por fatalidade dos acontecimentos provocados pelo sr. Granjo.

O grande, o maior agitador do proletariado é o sr. António Granjo, presidente do ministério. Se o veremos. Recordamos agora aqueles agitadores profissionais, pagos pelo governo francês, que falando nas assembleias arrastavam classes inteiras para greves funestas, precipitando mesmo essas greves, para que o governo tivesse ocasião de empregar a violência, desbaratar sindicatos, inutilizando por muito tempo o trabalho de muitos operários conscientes.

O sr. Granjo faz-nos lembrar os agitadores profissionais. Não nas assembleias operárias porque nós não deixamos, mas nas e outros processos que, felizmen-

te, não nos iludem. Provoca os ferroviários, militarizando o serviço das linhas e oficinas; provoca as classes marítimas atirando-lhes ao rosto um decreto inaceitável. Cria a irritação por todos os lados; proíbe que as associações funcionem à vontade; põe-nos de quando em quando a mordida da censura, tudo isto para que o povo esfaumado, farto de sofrer vexames, se indigne, se revolte, dando assim ocasião a tumultos, a propósito dos quais o sr. Liberato Pinto intervém com os seus engenhos, os ludibriados que são os seus soldados. Essa intervenção será violenta; tenderá a inutilizar a Organização Operária. Encerrar-se-ão vários sindicatos, morrerão pelas ruas alguns proletários, e o sr. Granjo, em entrevista no *Século*, dirá que, segundo havia previsto e ainda conforme elementos que obtivera, a agitação estava há muito preparada por elementos bolchevistas, sindicalistas... e monárquicos.

Pois, é quasi certo que, a continuarmos o sr. Granjo a agitar as massas operárias e os géneros a subir impudicamente — a agitação seja um facto.

E' provável que, quando essa agitação se produzir, o sr. Granjo, murmurando algumas palavras feias, como é seu hábito, diga arrependido: «Bolas, que sarilho eu fui provocar».

De nada lhe servirá o arrependimento, porque, nessa altura, aqueles que o colocaram no pedestal da governança, ao ver os seus interesses em risco, lhe saberão correr com a sorte.

O movimento operário, que não é uma ficção, nem o capricho dum partido ou dum simples grupo suspeito, mas sim uma lei da evolução humana, da própria Natureza, continuará o seu caminho para a emancipação proletária, sem que haja Granjos, nem quejandos que o possam impedir.

Continue o sr. Granjo a trilhar a estrada da incompetência que vai trilhando, e verá o trambolhão que apanha...

C. G. T. Em Setúbal

Conselho Confederal
Amanhã, às 21 horas, deverá reunir o Conselho Confederal, com a presença do secretário geral.

ECOS DE ITÁLIA

Castagni fala aos operários italianos

As oficinas Orlando, de Livorno, que são em poder dos operários, receberam no dia 7 do corrente a visita de Pietro Castagni, o célebre autor da *Cavallotti*. Acompanhado por grande número de deputados socialistas Capocchi Menghi, secretário dos metalúrgicos, os operários ovacionaram Castagni, que falou-lhes em nome do Conselho Confederal. O mestre deixou escrito numa folha de pergaminho, antes de abandonar a fábrica, o pensamento seguinte:

«Como homem livre no sentido mais amplo e mais luminoso da palavra, quero votos sinceros pelos que hoje dominam os estabelecimentos Orlando, mas firmes que fiquem toda a minha admiração e o meu afecto».

Albani saudou Castagni em nome dos trabalhadores que ocupam as oficinas. Castagni respondeu com estas palavras:

«A vossa vitória mostra o fim dum monstruoso espólio e a demolição das cidades anónimas, praga de Itália. Deixai ser e sê-lo heis produtores e consumidores. Ideia santa. A vitória será o meu coração augura-vos, e o meu coração que esperou no povo, que eu desde que nasci, e que é vosso coração e na ideia».

Essas palavras têm uma grande significação. Mostram que as reivindicações proletárias devem ser sentidas e defendidas pelos que trabalham intensamente. A Revolução não vem pela mão de Deus, beneficiará a todos, mas não passará a vida na ociosidade, explorando o seu semelhante. É unicamente em Itália que os intelectuais estão ao lado do povo, e na França, e em Espanha e em outros países.

Portugal os intelectuais preferem trabalhar a burguesia, adorar a estupidez, e o povo, fonte admirável de onde os grandes gestos brotam, que as palavras e actos de Castagni em exemplo aos que não queiram a luz da Verdade.

NOTAS & COMENTÁRIOS

Heróis da república

A anunciava *O Mundo* de ontem que o «Grupo dos Treze» vai comemorar o aniversário da república com pomposo programa. Haverá morteiros em barba e, para dar livre expansão aos humanitários sentimentos de todos os sócios, serão distribuídas duas coroas aos pobres da freguesia. Acamaradando com os valiosos componentes de tão estimável associação, usará da palavra, em sessão solene, os srs. Bernardino Machado, Liberato Pinto, Francisco Maria Baptista e Verdu Martins. Consta que os oradores aproveitarão o momento, para manifestar o seu regozijo pelo feito heroico daqueles defensores da república, assaltando o jornal *bolchevista*, a *Batalha*. Após esta cerimónia serão propostos, por preferência especial, para sócios desta prestimosa agremiação que, pelos seus actos apreciáveis, tanto tem contribuído para o engrandecimento da república, glória da pátria e bem-estar das classes trabalhadoras.

O tribunal sclerado

Recebemos da Arcada a seguinte nota:

«Segundo se afirma, o sr. ministro da justiça não modificará a organização do tribunal de defesa social, a não ser para conceder determinadas regalias aos magistrados que dele fazem parte, em vista da sua situação especial».

As Juventudes e o governo

Oficiou a União das Juventudes Sindicais de Portugal ao presidente do ministério, solicitando-lhe uma audiência, a fim de conhecer a atitude do governo perante o próximo Congresso das Juventudes Sindicais e pedindo que pusesse fim às violências que ultimamente tem sido cometidas contra os organismos da mocidade trabalhadora.

Confiava a U. J. S. P. que, embora o sr. António Granjo não accedesse às reclamações e não consentisse na realização do Congresso, não se recusaria no entanto a ouvi-la, visto que a sua presença no ministério não deixaria de certo envenenada a atmosfera que ali se respira. Parece que o dever dum chefe de governo dum república que se diz democrática é o de atender todos os que com ele necessitem comunicar. Tal não sucede. O sr. António Granjo não accedeu às reclamações, como não consente a realização do Congresso das Juventudes Sindicais, e recusa-se a receber os jovens, temendo o seu contacto, tendo enviado sobre isso uma nota para o *camaleão* da rua Formosa. Muito bem.

No entanto a União das Juventudes dirá o que lhe quer dizer, se fôrse recebida, como manda, pelo menos, a civildade. E' o mesmo que disse ao sr. Sá Cardoso e que os factos confirmaram.

As Juventudes não temem as arremetidas de qualquer governo. As Juventudes têm uma missão vasta, nobre, a cumprir, e nada, absolutamente nada, impedirá que ela seja cumprida.

Com a consciência do dever a cumprir e com os olhos fitos no clarão da aurora libertária que está brilhando no Oriente, as Juventudes Sindicais saberão atravessar incólumes este período de violências.

O sr. António Granjo, como o sr. Sá Cardoso, declara-lhes guerra sem quartel e inaugura a verdadeira caça ao jovem sindicalista. Não os deixa reunir. Não consente na realização do Congresso.

Muito bem. As Juventudes saberão apesar de tudo, cumprir a missão que se impuseram. Descanse, pois, o sr. Granjo. — A comissão administrativa da U. J. S. P.

Federação Nacional da Construção Civil

Devido a milhares de operários desta indústria terem protestado nos seus Sindicatos e perante o patronato contra a imposição das cadernetas dos seguros sociais obrigatórios e não as querendo aceitar sem que a organização operária se pronuncie, esta Federação previne o operariado da Indústria de que não se deve aceitar sem que a Confederação Geral do Trabalho reúna para tratar do assunto.

Sindicato Ferroviário

Para dar conhecimento ao pessoal da linha das *démarches* realizadas pela Comissão de Melhoramentos, efectuaram-se, na segunda-feira última, reuniões nas delegações de Entonamento, Alfaiates e Ovar, com grande concorrência, tendo resolvido dar todo o apoio à mesma comissão, até resolução final do assunto.

As referidas reuniões estiveram bastante agitadas, encontrando-se aqueles clamorosos e impacientes pela demora que as entidades competentes estão dando à questão.

NOTA OFICIOSA

Publica o *Século* de ontem uma local dizendo que o sr. Fausto de Figueiredo, acompanhado de uma comissão de ferroviários da C. P., se tinha avistado anteontem com o ministro do Comércio. A data-se o caso de ser verdadeira esta notícia não se trata porém da verdadeira Comissão de Melhoramentos, pois que esta nem se avistou com o ministro do Comércio nem procurou para tal fim o sr. Fausto de Figueiredo.

Estu tencionava avistar-se hoje com o Conselho de Administração. — A Comissão de Melhoramentos.

A CIDADE...

LISBOA PANORÂMICA

O autêntico lisboeta, habituado a passar sua vida insípida nos quintos pavimentos da Baixa, sem ar, sem luz e sem alegria, que num dia descanço, sobevariosamente a S. Pedro de Alcântara e se encosta, por instantes, ao gradeamento contemplando a cidade imensa, sente um verdadeiro deslumbramento; corre o olhar da Rotunda à outra banda, sôfrego de caminhar, como ave há muito presa, a quem dão enfim a liberdade.

Se é um dia de fins de Setembro, quando as árvores frondosas começam a amarelecer e o sol pinta o panorama com tintas frescas, com primores de aguarela, a saúde, a alegria pagã que a cidade vem, prendem o curioso à barlaustada do jardim por uma hora farta.

Injustiças, crimes, dores máximas e tragédias, que tornam a vida amarga, esvaem-se na amplitude do vale, diluem-se na claridade, na grande claridade que nos inunda a alma. Ficamos, então, para ali esquecidos de nós próprios, entregues às surpresas de casaria amontoada, aos pedaços de verdura que se entreveem, ao campanário dum ermida ignorada.

A outra margem, separada de Lisboa pela grande faixa verde, que é do Tejo, onde flutua, aqui e acolá, a aza alva dum catraio ou a vela sangrenta — chamada scintillante — dum draga, encantados com as suas habitações de porcelana, entre bosques, sublinhada pelo traço amarelo e firme da praia. A juzante pinelada de cor de barro cozido são os telhados das fábricas da Amora. Para lá, mais para lá ainda, a perder-se na neblina, percebe-se o alto de Palmela, pontado de cal — uma povoação distante. Ao longo em direcção à foz desce a serra da Arrábida azul e levemente ondulada, como o mar em jornada de calmaria.

A vista cansa-se de prescruar a vida nessa paisagem fixa, invariável quasi, e retrocede, salta o carapau da Sé, amarelta, como grande dente cariado, entre a casaria clara que a sua sombra abraça; sobe a escadaria de telhados atábriga; sobe a casaria parda, inextinguível, como nodosa de cebo sobre a gracilidade que lhe corre os pés. Cingem a colina num abraço de cantenas de agos, num grande abraço vultuoso, muitas casas antigas de telha-vã, algumas modernas de telhados vermelhos, cantando ao sol, submissas todas, filando o Castelo, soberbamente recortado no céu azul. O colorido é ameno. Há casas que lembram virgens sadias, rosadas e alegres; outras, amarelas como defuntos, ou brancas como noivas. Descendo a montanha a casaria forma largos degraus simétricos, primeiro, precipitados depois; até correr em curva sinuosa pela Muralha, saltar a rua da Palma, numa corrida louca, como tresmalhado rebanho de ovelhas brancas, negras e cinzentas. Depois de tropeçar na igreja de S. Domingos, que sobre a muralha, para as habitações, alinhando a sua primeira fila do lado oriental do Rossio. De cá, os telhados ocidentais firmam alã, e ao centro ergue-se D. Pedro, em resignado equilíbrio sobre um candelabro.

A nosos pés repousa a estação do Rossio, negra, fumarenta, com os seus apitos estridentes de combóios que chegam e combóios que partem. Uma necessidade de luz obriga-nos a deixar a estação sombria, a olhar em frente.

Apossa-se de nós a curiosidade da minúcia. As duas torres irmãs de S. Vicente, onde os reis dormem, desenhams-se no horizonte, muito iguais, muito claras, um pouco duradas pelo sol que começa a iluminá-las de traves. Desajamos, não sei porquê, procurar torres de igreja pela cidade fôrta. Há algumas minúsculas como campanários de aldeia, outras esguias e simples, ou então rectangulares e monótonas.

Partindo de S. Vicente para o norte, o nosso olhar detém-se numa grande mancha verde, de azulão: é a Graça. Lá está mais à esquerda a igreja do dominando a encosta. A seguir um par de deitro amarelo sujo, comprido, pontado de aberturas escuras — as janelas — não pode ser senão o quartel. Felizmente mais para norte ainda, o panorama é mais largo, mais agradável; há prédios cor de rosa que apresentam faces lavadas e prazenteiras. Entre elas apreita, a querer fugir para a sombra amena de frondosas arvoredos, outro campanário — a igreja do Monte. O olhar espalha-se e a colina desce, corre pela banda de lá da igreja da Pena, dos edifícios amarelos do Instituto Bacteriológico, distinguindo-se apenas as cristas vermelhas dos telhados. Esqueçemo-nos de acompanhar a montanha. Dirigi-mos-nos ao centro da cidade.

Olha, a calçada do Lavra! Lá sobe o elevador... Descemos ainda e temos a Avenida immensa aqui. Um eléctrico que passa, um cartaz berrante no cinema Comed, a cúpula do Coliseu, o teto de ardósia do Eden Teatru, um pedaço do Olimpia, tudo mais pequeno, os andes que povoam os passeios, tudo tam nítido; os cavalos minúsculos dos trens, tudo para brincar, encantam. A vida láhada detem alto é uma brincadeira, é um espectáculo maravilhoso dum teatro de crianças!

Os prédios da rua do Telhal marinham uns após outros a encosta íngreme direito ao Campo de Santana. Não se vê daqui este jardim. Os palacetes *chies*, *Renascença* italiana, um ou dois, muito calmos, formando a rua Jiló de Andrade, não no deixam ver. Além, sobre os palácios quedos a Pena de Brancal, minúscula indistinta, a cor esmaecida, remata a colina que há pouco deixamos. Para cá, encontra-se o Braz Simões, que mostra apenas os telhados mais altos, arvoredos e vinhas num

grande ladeira. O Monte Agudo, ostenta também a sua cabeleira verde.

Para mim o supremo prazer é ficar pontos desconcertados, diversos, plenos de contrastes e contraditórios emoções. Saltar do Parque Eduardo VII, calvo de vegetação, monótono na sua terra barrenta, para as avenidas novas, muito correctas na sua casaria alinhada, regular; ver a ponta aguçada da estátua da Restauração e a igreja da Madalena, de torres rectangulares; ir dum chaminé esguio do Monte ao Barreiro, envolto em névoa rosada porque o sol desce.

O sol desce. Palmela elegante, esbelta, esvai-se pouco a pouco em bruma, erra por momentos, como suspensa no ar, toca-a um raio tenue de sol, o derradeiro beijo do dia, e desaparece. A bruma avança sempre, esbate em azul claro o azul pesado da serra da Arrábida; avança ainda, apaga o arvoredos, some as casitas de porcelana, vem até ao rio onde mergulha. E a outra margem fica oculta por completo atrás da quele manto incommensurável, que tudo envolve e tudo abafa.

Na parte baixa da cidade a sombra é cada vez mais compacta. Adoça-se a cor, desenhams-se formas estranhas, profundas nos intervalos das ruas; há de prédio para prédio um abismo negro; o sol põe fulgores intensos de ouro velho nos vidros das janelas altas. Uma poeira violeta cobre Lisboa inteira; a cidade vai-se tornando impenetrável ao olhar curioso. Só nos pontos altos, na Graça, no Monte e no Castelo, erra tinda doirada diluída em rosa. O rosado vence pouco a pouco; sobrem-lhe o vermelho e depois o violeta. O violeta esvai-se em cinzento levando contornos, sumindo permeanos. Lentamente a cidade entra no sombrio. Já não se distinguem os cumes das montanhas nem as torres das igrejas.

Quasi de súbito uma escuridão violenta abraça tudo, arrebatada tudo: Lisboa, silenciosa, apenas se adivinha lá no fundo...

Luzes vermelhas scintilam aqui e acolá — são os candieiros. Apossa-se, de nós, uma angústia forte, inexplicável. Do impreciso, do vago vem um sóro de tragédia. A atmosfera impregnada de tristeza, de mil angústias, que em baixo se sofrem, de tanta miséria que sob o manto impenetrável se passa, invade o nosso peito, enche-o, tritura-o. E' aquela hora que todos os pensamentos negros se avizinham: a fome das multidões, as injustiças dos governos, a escravidão humana, estão ali, a nossos pés.

A' cidade da alegria, da vida, do sol scintillante a brincar pela casaria branca, sucede a cidade da dor, do vício e da morte.

Mário DOMINGUES

Ferrovários do Sul e Sueste

O governo continua provocando E' indubitável que o governo deseja a todo o transe a desordem. O que se está passando com os ferroviários do Sul e Sueste é infame.

As medidas de repressão são cada vez mais violentas, a fim de, num requinte de malvezade, fazer sofrer aqueles camaradas as maiores torturas, os maiores vexames.

O governo pretende, por todas as formas lançar aquela classe na greve, para justificar a repressão que já está levando a efeito.

Mas o sr. Granjo enganase redondamente. Os ferroviários ainda não declaram a greve porque não querem satisfazer os caprichos de qualquer presidente de ministério. Se quisessem iniciar o movimento não se importariam com baionetas nem com canhões. O sr. Granjo armou em agitador, em fomentador de greves e os ferroviários não fazem a greve, não estão para obedecer à vontade de sua excelência.

Nota oficiosa Aperlou o governo as medidas preventivas contra os ferroviários do Sul e Sueste, asfixiando-os num verdadeiro cinto de baionetas, demonstrando o mais feroz intuito em os esmagar, sem consideração alguma pela miséria desta classe, que como os ferroviários do Minho e Douro se encontra em luta aberta com a miséria.

Tudo o pessoal no Sul e Sueste é obrigado a trabalhar abaixo da vigilância das forças da guarda republicana, de engenharia, de sapadores de caminho de ferro e de marinha.

Julga o governo que com a opressão dos ferroviários do Sul e Sueste o problema económico será resolvido.

Não lhe restando outro recurso os ferroviários apelaram ontem para o público pedindo justiça, porque só o público pode analisar a razão que lhes assiste ante a violência que a atitude do governo representa.

Foi ontem largamente distribuído o jornal *O Sul e Sueste* por todo o país e por esse motivo os boatos sobre a declaração duma próxima greve circularam com mais insistência, mas são destituídos de verdade, pois os ferroviários continuaram suportando as violências do governo até que ele se cansasse de oprimir uma classe cujo objectivo é apenas o de não consentir que a matem de fome.

Só os boatos tem alimentado a acção do governo, que julgando-se apoiado pela opinião pública, se julga forte. Contra esses boatos opomos o nosso desmentido, porque greve só haverá quando o governo tenha exgotado a sua paciência em oprimir os ferroviários. — A Comissão de Melhoramentos

O MOVIMENTO DAS CLASSES MARÍTIMAS

A greve geral em Lisboa, Pôrto, Leixões e outras localidades do país, mantem-se com firmeza

Com o mesmo entusiasmo do primeiro dia, continua o movimento das classes marítimas, como protesto contra o decreto 6959, que as colocava numa situação deprimida.

Os homens do mar, habituados a enfrentar carinhosamente as ondas alterosas do oceano; a lutar com as tempestades que os ameaçam a todos os instantes nas longas viagens; e naquele natural instinto de conservação se solidarizam no momento do perigo, empregando esforços sobre-humanos para se salvarem, quantas vezes, dum morte certa, — encontram-se neste momento com a mesma fé, com o mesmo entusiasmo como se no alto mar estivessem em luta com os elementos.

E' que a sua dignidade de homens que trabalham, arriscando a vida, acha-se ofendida por uma provocação, e sendo assim, demonstram altiva e nobremente que com a mesma coragem com que afrontam sempre os perigos da sua espelhusa profissão, também possuem para se defender quando pretendem espelhar-lhes a liberdade.

Tentaram, os governantes misturar este movimento com questões políticas ou de carácter revolucionário, chegando-se ao ponto de dizer, com um desdouro inaudito, que ele era inspirado pela Internacional de Moscovo e de comum acordo com a C. G. T., a qual tinha preparado um mês de agitação no nosso país ainda por instruções recebidas da Rússia. Foram quebrados os dentes à calúnia, se a especulação não calu mesmo sem desmentido formal.

Tem-se propagado os mais inconcebíveis boatos no intuito de desvirtuar o belo acto de solidariedade das classes marítimas, mentindo-se descaradamente ao público. Porém, todas as afirmações venenosas.

O movimento continua cada vez mais homogêneo, mais forte, mais elevado. As perseguições já começaram, iniciando-se assim um regime intolerável.

No forte de Monsanto encontram-se presos as tripulações dos vapores *Minho* e *Porto Alexandre*, por se terem negado a tirar os seus camaradas em lancha. Entre os presos encontram-se o comandante do *Porto Alexandre*, condecorado com a Legião de Honra italiana, e o piloto do *Minho*, condecorado com a medalha da Torre e Espada. Crámo que a homens assim galardoados não pode acusar-se de menos patrióticos, como se depreende das afirmações do sr. Granjo.

A bordo daqueles barcos não estava toda a tripulação. O comandante da lancha a gazolina *Adelaide* dirigia-se para bordo do vapor *Aveiro*, com o fim de conduzir para terra as bagagens dos oficiais e marinheiros do mesmo barco.

Dois vapores da policia marítima, o *Pacifico* e o *Popular*, perseguiram-na, e a certa altura, de bordo destes, fizeram fogo sobre a *Adelaide*, obrigando-a, a atracar ao Cinjal. Os tripulantes conseguiram saltar em terra, sendo presos a bordo o mestre e o *chauffeur* da lancha pelo agente Macieira. Os presos vieram para o Limoeiro e o barco foi para a capitania do pôrto.

Para bordo do *Gaza* e do *Peniche* também foi outra lancha a gazolina buscar as respectivas bagagens. Essa lancha conduzia o imediato do *Gaza*, Manuel Virelha da Costa, o 2.º maquinista Baptista, do mesmo vapor, o imediato do *Peniche* Armando Vilela e outros tripulantes, sendo presos.

O comandante do *Gaza*, Lufs Cristiano, também foi preso, por ter lançado o sinal A no seu navio. Encontram-se todos na Cadeia do Limoeiro.

E como estamos em mar de perseguições, não nos admira que amanhã as prisões estejam repletas de homens do mar, por não quererem sujeitar-se às determinações dum decreto que os vexa, que os deprime, porque isso é muito do agrado de quem navega sempre em águas turvas...

A Irlanda revolucionária

Esperam-se distúrbios em Londres promovidos por sinn-feinners

LONDRES, 29. — Foram atacados acampamentos militares de Hallon por homens armados. Os acampamentos estavam presentemente ocupados por cerca de cincoenta homens dum regimento de lincoentes que estavam na sua maioria exercitando cavalos quando se deu o raid. Os atacantes levaram munições, espingardas, metralhadoras e outros equipamentos. Um soldado que resistiu foi ferido. Ontem de manhã um grande armazem de fazendas em Patrick Street em Cork foi destruído à bomba e apesar da ordem do «cobre fogo» por dom de recolher às casas quando os sinos tocarem imediatamente depois do sol pôsto, as rixas continuaram em Belfast durante a noite. Os operários das construções navais quando voltavam para suas casas fora atacados em Charvickill. As últimas rixas tiveram lugar em Wall Street e Cid Lodge Road, em que ficaram vinte pessoas feridas e houve 17 prisões. Uma força militar dispersou os agitadores como uma carga de baionetas.

As autoridades informaram o governo da existência dum complot do sinn-feinners em Londres. Cerca de cem pessoas são conhecidas como implicadas num plano de acção que tem por fim rebanhar quando o Lord Mayor de Cork morrer. — Rádio.

O comité do Pessoal da Exploração do Pôrto de Lisboa comunica-nos que, tendo apreciado a entrevista com o sr. Afonso de Macedo num jornal da noite, ela se tem pontos que não verdadeiros outros há que tem por fim enfraquecer o moral daqueles que se encontram lutando por uma melhor situação, pois que é por demais conhecido por todo o pessoal procedimento idêntico em outras ocasiões.

Comunicamos também que tem acompanhado não só o movimento do pessoal como de todas as classes marítimas, a quem deram a sua solidariedade moral, esperando ver atendidas as suas reclamações.

O Pessoal de Limpeza e Sanidade solidariza-se

A comissão executiva da câmara municipal de Lisboa ordenou que o pessoal de limpeza e sanidade fôsse fazer o serviço nas fragatas que conduzem o lixo para a margem sul do Tejo. O pessoal que fôr encarregado desse serviço, negou-se a tal, como solidariedade de para com os camaradas marítimos. Em virtude deste gesto, a câmara resolveu suspender esse pessoal. O respectivo sindicato, reunido ontem em assembleia geral, deliberou, por unanimidade e em sinal de protesto, paralisar todo o serviço por 24 horas, reclamando que seja revogada a suspensão, e no caso de não serem atendidos, continuar com a mesma paralisação até que a câmara atenda.

Resolveu mais a assembleia protestar contra o procedimento do chefe da estação central, sr. Vaz Velho, que se dirigiu ao pessoal com atitudes provocadoras, tendo empurrado um camarada para fora da ponte.

A' casa Wisse & C. foram oferecidos marujos para tripular as suas gazolinas, assim como à firma Norton & C. ofereceram tripulação para o *Belas*. As duas firmas não aceitaram o oferecimento das autoridades, pois responderam preferir esperar pelos verdadeiros profissionais que tem sido os colaboradores das suas casas.

Uma parte do pessoal do quadro da Companhia Nacional de Navegação, negou-se a trabalhar, apesar do comandante Oliveira instar em sentido contrário com o mesmo pessoal.

Um empregado da Companhia de Mergulho pediu à casa Wisse para que os seus batelões carregassem pinho para as padarias, e o arrais Elias da mesma casa procurou membros do comité para lhe darem autorização, o que lhe negaram.

Também um importador pediu para que lhe permitissem descarregar ananazes, que tem numa fragata no Cais da Areia. Não foi igualmente consentido.

A descarga de bacalhau dum vapor norueguês, foi ontem feita por 30 praças da marinha e 40 do exército, que descarregaram 1.800 fardos, de dois porões, ficando as praças do exército a trabalhar até às 21 horas no armazém C. De manhã foi feita a distribuição de 2500 a cada praça, e à noite 1550 às que ficaram até às 21.

Com dois tons, ou sejam 18 homens profissionais, descarregavam-se mais de 4.000 fardos durante o dia.

O comité do Pessoal da Exploração do Pôrto de Lisboa comunica-nos que, tendo apreciado a entrevista com o sr. Afonso de Macedo num jornal da noite, ela se tem pontos que não verdadeiros outros há que tem por fim enfraquecer o moral daqueles que se encontram lutando por uma melhor situação, pois que é por demais conhecido por todo o pessoal procedimento idêntico em outras ocasiões.

Comunicamos também que tem acompanhado não só o movimento do pessoal como de todas as classes marítimas, a quem deram a sua solidariedade moral, esperando ver atendidas as suas reclamações.

O Pessoal de Limpeza e Sanidade solidariza-se

A comissão executiva da câmara municipal de Lisboa ordenou que o pessoal de limpeza e sanidade fôsse fazer o serviço nas fragatas que conduzem o lixo para a margem sul do Tejo. O pessoal que fôr encarregado desse serviço, negou-se a tal, como solidariedade de para com os camaradas marítimos.

Em virtude deste gesto, a câmara resolveu suspender esse pessoal. O respectivo sindicato, reunido ontem em assembleia geral, deliberou, por unanimidade e em sinal de protesto, paralisar todo o serviço por 24 horas, reclamando que seja revogada a suspensão, e no caso de não serem atendidos, continuar com a mesma paralisação até que a câmara atenda.

Resolveu mais a assembleia protestar contra o procedimento do chefe da estação central, sr. Vaz Velho, que se dirigiu ao pessoal com atitudes provocadoras, tendo empurrado um camarada para fora da ponte.

No Pôrto

Carregadores e descarregadores

PORTO, 27. — A classe dos carregadores de terra e mar reuniu ontem para se ocupar do último decreto publicado pelo governo, o n.º 6959. Toda a assistência, considerando que tal lei vem cercar as regalias da classe, tornando-a mais escravidão, o que é atentatório dos modernos tempos que vem decorrendo, resolveu, por unanimidade, proclamar a greve geral como protesto contra a referida lei. Ao mesmo tempo, ficou também resolvido insistir com os patrões para que atendam as reclamações de aumento de salário formuladas pela Associação.

Com o aproximar da data da realização deste Congresso, recrudescem o entusiasmo entre as classes que nele se fazem representar. Da compreensão do seu valor, temos a demonstração pela forma como de todo o país vão chegando à comissão organizadora os chamados animadores comunicados, aparte as adesões já ratificadas.

Em sua reunião de anteontem, a comissão registou a recepção da cota de adesão do

Banco Nacional Ultramarino
Sociedade anónima de responsabilidade limitada
Capital realizado 24.000.000\$00

O DIVIDENDO da 1.ª prestação por conta, da do ano de 1920 na razão de 8 000 p.p. accão, ou esc. 540, livre de impostos, este pagamento na Secção de Dividendos deste Banco, na rua Augusta, n.º 38 e nas suas filiaes e agências, em todos os dias úteis a começar em 6 de Outubro, das 10 às 12 e das 15,30 às 16,30 horas (nos sábados das 10 às 12), excluindo as quintas-feiras, em que se fará o pagamento de atrasados, às mesmas horas.

O coupon n.º 16, das accções ao portador, é pródigo no cambio do dia, em Paris, no Crédit Mobilier Français e em Londres e Brazil nas filiaes deste Banco.

Lisboa, 22 de Setembro de 1920.—O Governador, *Dr. João Henrique Ulrich.*

Companhia do Papel do Prado

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

Sorteio e juros de obrigações

No sorteio de cinquenta e duas obrigações a que hoje se proceder, saíram sorteadas para amortização as seguintes obrigações:

103, 111, 265, 381, 465, 769, 903, 951,
993, 1:149, 1:175, 1:206, 1:306, 1:516,
1:640, 1:673, 1:729, 1:756, 1:766, 1:780,
1:811, 1:887, 1:935, 1:955, 2:025, 2:276,
2:368, 2:469, 2:513, 2:656, 2:706, 2:734,
2:737, 2:754, 2:769, 2:893, 3:111, 3:165,
3:185, 3:194, 3:220, 3:235, 3:257, 3:346,
3:493, 3:587, 3:506, 3:360, 3:667, 3:741,
3:841 e 3:868.

O pagamento das obrigações sorteadas, dos seus respectivos juros e das obrigações em circulação effectuar-se-á na sede desta Companhia rua dos Fanqueiros, n.º 270 a 276, desde um dia quinze de outubro, em todos os dias úteis, das onze às treze horas e depois em todas as sexta-feiras seguintes, às mesmas horas.

No Porto, este pagamento, effectuar-se-á como de costume, no escritório desta Companhia, rua de Passos Manuel, 49 a 51, no dia dezeses de outubro e em todos os sábados seguintes, às horas acima indicadas.

Lisboa, 28 de Setembro de 1920.

(pela Companhia do Papel do Prado, O Director-Delegado,

António G. Viana de Lemos.

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

Concurso para admissão de praticantes de escritório dos serviços centrais

Até 2 de Outubro p. f. está aberto o curso para a admissão de praticantes de escritório dos serviços centrais desta companhia, nas condições administrativas em vigor.

próprio rho do concorrente, deverão ser dirigidos ao Director Geral da Companhia entre gués até ás 14 horas do dia 2 de outubro p. l., na secretaria da Direcção Geral e neles será indicada a morada do requerente.

Os candidatos serão submetidos á inspecção da Junta Médica da Companhia, depois do que será fixado o dia para o exame de admissão.

Lisboa, 17 de Setembro de 1920.

O director geral da companhia.—(a) Pereira de Mesquita.

JANOTAS????

Sejam económicos!!

Como vestir bem e barato??

Só na ALFAIATARIA JANOTA, onde se viram fatos e sobretudos finos como novos, baratos e no 1.º andar.

Acceptam-se fatos a feição. Boa execução e rapides.

Variado sortido de fazendas a preços reduzidos.

Rua do Sol ao Rato, 215, loja e 2.º andar, esquina S. João dos Remédios.—(Eléctrico á porta, carro da Estrela)—Postal a S. Madeira.

CURSO DE COMERCIO EM 2 ANOS

Aulas diurnas e nocturnas

1.º ano: Português, francês, Arithmética, Comércio e Calligrafia.

2.º ano: Português (correspondência commercial), Francês (correspondência commercial), Arithmética commercial, Escrituração commercial, dactilographia.

Mensalidade 10\$000 esc.

Matricula permanente

Filial em Lisboa da Escola Commercial Pereira de Sousa, Pórt. Rua da Boa Vista, 102, LISBOA.

NICOLAU GOMES CORREA

Alfaiate-Mortador

Fornecedor dos Empregados dos Caminhos de Ferro Portuguezes, do Sul e Sueste, da Caminhada Os Rios da Câmara Municipal de Lisboa e da Cooperativa da Fábrica de Material de Guerra.

Variado sortido de linhos para homens e senhoras, padrões da moda, preços limitados.

ALFAIATARIA Especialidade em fatos, sobretudos, casacaletanas, capacetanas e casacos pelos figurinos da moda.

de senhora já confectionados, tudo pelos figurinos da moda.

255-Rua dos Fanqueiros-255

A MARQUES

aos bons escritórios

Telephone 2.676 C.